

“13 reasons why” e o rompimento do paradigma do silêncio: uma breve reflexão sociológica

VITOR HUGO BUENO FOGACA*

RESUMO: O trabalho tem como problema analisar a emergência do debate sobre o suicídio no Brasil a partir da obra “13 reasons why”, de Jay Asher, bem como de sua adaptação para televisão. Nesse sentido, apresenta como objeto geral identificar contribuições e impactos da obra bibliográfica e televisiva no que tange ao rompimento do paradigma do silêncio que permeia a questão do suicídio no meio social. Sob um aspecto metodológico, trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, utilizando-se a pesquisa bibliográfica e documental como instrumentos de coleta de dados. Em síntese, é possível indicar que a obra analisada acaba por corroborar com o rompimento do paradigma silente presente nas construções sociais sobre o suicídio e de seu processo preventivo, viabilizando discussões até então insuficientes à plena consideração de tal problemática.

Palavras-chave: *13 Reasons why*; Morte; Seriado; Discussão social.

13 reasons why and the silence's paradigm break: a brief sociological reflection

ABSTRACT: The article has as problem to analyse the emergence of the discussion about suicide in Brazil from the book “13 reasons why”, authored by Jay Asher, and its television adaptation. Therefore, it presents as general objective to identify contributions and repercussions of this bibliographic and television work in relation to the breaking of paradigm of the silence that permeates the matter of suicide in the social environment. Methodologically, it is a qualitative, exploratory and descriptive study. As for the data collection, it was utilized the bibliographic and documental research. In summary, it is possible to indicate that the analyzed work supports the breaking of the silent paradigm that exists in the social constructions about suicide and its preventive process, which enables discussions that were until then not enough to a full consideration of the problematic.

Key words: *13 reasons why*, Death; Sitcom; Social discussion.



* **VITOR HUGO BUENO FOGACA** é doutorando em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa; Professor Colaborador da Universidade Estadual de Ponta Grossa/Paraná e da Faculdade de Telêmaco Borba; Presidente da Comissão de Saúde da Ordem dos Advogados do Brasil.



1. Introdução

A todo ser vivente não é estranho pensar em sua própria morte e o dia em que a mesma chegará. Em verdade, a existência humana perpassa seu caminhar pautada por pensamentos acerca do momento em que a própria vida alcançará seu ponto final, ao menos quando se pretenda que isso se dê involuntariamente, com o transcorrer natural do tempo. Fazem-se diariamente planos que se desejam realizar, sempre se ressalvando como limite natural a viabilidade de existência do dia de amanhã.

Nesse sentido, é de se ressaltar que o suicídio mostra-se como uma espécie de alegoria especial da própria morte e dos limites da autonomia da vontade dos sujeitos, sendo a prática suicida objeto de inúmeras produções bibliográficas, televisivas e cinematográficas, as quais são responsáveis pelas mais variadas construções sociais sobre a morte, inclusive pela perpetração de um paradigma de não discussão acerca da prática suicida. O presente estudo apresenta como problemática central

analisar a emergência do debate sobre o suicídio no Brasil a partir da obra “*13 reasons why*”, de Jay Asher, bem como de sua adaptação para televisão.

Sob esse viés, apresenta como objeto geral identificar contribuições e impactos da obra bibliográfica e televisiva no que tange ao rompimento do paradigma de silêncio que permeia a questão do suicídio no meio social. Como objetivos específicos buscou-se apresentar breve resenha descritiva do roteiro da obra bibliográfica; discorrer sobre os conceitos basilares acerca do suicídio, com ênfase para seu aspecto sociológico; e descrever a conjuntura quantitativa do suicídio no Brasil, a fim de situar a discussão suscitada na problemática construída.

Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, utilizando-se a pesquisa bibliográfica e documental como instrumentos de coleta de dados. A pesquisa exploratória debruça-se, de modo conceitual, a análise das construções teórico-sociológicas sobre o suicídio e da pacata produção teórica

sobre a obra ora analisada. A pesquisa descritiva, por sua vez, construi inferências a partir da coleta de dados junto ao Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), presente no DATASUS, Departamento de Informática do SUS, segundo a Classificação Internacional de Doenças, 10^a revisão (CID-10), bem como dos dados de projeção da população por sexo e grupos de idade, construídos e disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

2. Roteiro e construção da obra “13 reasons why”: breve resenha

A obra bibliográfica “13 reasons why” desenrola-se a partir da construção do personagem Clay Jensen, um adolescente de 16 anos que se insere numa jornada de entendimento e autoconhecimento, cujo cerne é a compreensão dos reais motivos que levaram a garota de quem gostava a tirar sua própria vida. O protagonismo da obra é paradoxal, uma vez que é narrada em primeira pessoa por Clay, mas desenvolvida quase que exclusivamente a partir das motivações que levaram Hannah Baker a cometer suicídio (ASHER, 2009). No transcorrer da trama, as histórias de Clay e Hannah se entrelaçam e se dispersam na medida em que os personagens apresentam habilidades ora similares, ora contrapostas no processo de construção de amizades e relacionamentos sociais.

Como início para o roteiro principal da obra, tem-se a personagem Hannah Baker que, premeditando sua morte autoprovocada, grava uma série de sete fitas cassete explicando as motivações pessoais que, segundo ela, produziram o efeito suicida. No total são treze fatos descritos como determinantes para a morte da personagem, sendo que cada relato ocupa um dos lados das fitas

cassete e refere-se a uma pessoa do convívio diário de Hannah (ASHER, 2009).

A história se inicia, assim, no momento em que o personagem Clay recebe a caixa com as fitas e começa a ouvi-las, ainda sem saber ao certo a dimensão do que aquilo revelaria. À medida que Clay escuta os relatos dos treze motivos, cada um deles relacionado a uma pessoa específica, sua revolta cresce, sendo que, além da dor da própria vítima, é possível compartilhar o sofrimento de quem é testemunha de violências cotidianas.

Lenzi e Ferrari, (2017, p. 127) contextualizam a complexidade da narrativa:

Além da dor da vítima, podemos compartilhar o sofrimento de quem é testemunha de violência. A impotência experimentada leva a complexos sentimentos de resposta, muitas vezes, também violentos (seja consigo – através da culpa; seja com o outro – vingança, cobranças, culpabilização). Enquanto ouve as gravações de Hannah, Clay percebe diversas situações de bullying, rejeição e exposição vivenciadas por sua amiga. O garoto, com toda a impulsividade da adolescência, busca os participantes das fitas para puni-los e exigir compensação ao nome de Hannah. Esta busca, inspirada pela raiva, coloca-o como autor de violência e os, outrora agressores, como vítimas. É perceptível o desenvolvimento da personagem quando esta se experimenta cada vez mais agressivo e insatisfeita com seus esforços, que o colocam em novas situações de violência, retroalimentando o ciclo.

A obra passa a ser construída, assim, a partir de problemáticas modernas que emergem na vida de crianças e

adolescentes. O autor descreve a história de Hannah pautando relações cotidianas marcadas por situações como sexo, *bullying*, violência, redes sociais, perseguições pessoais, preconceitos, etc.

Moretto *et al* (2017, p. 160) analisa de forma crítica os objetivos que delinearam a construção não apenas da personagem Hannah Baker, mas de toda a narrativa:

Na série, a morte é, para Hannah, a solução que dá fim a uma vida já desgastada pela impossibilidade da experiência, emudecida pela carência de uma comunidade de ouvintes, na qual a esperança ruiu; temos, então, a morte apresentada como fim da vida, como ruptura provisória a um sofrimento que a transcende e somente pôde ser comunicado mediante seu sacrifício; suas dores ecoam na dor de quem for capaz de ouvi-la. No jogo, a morte é apresentada como meio que empresta sentido a uma vida debilitada: temos, neste caso, a morte apresentada como meio de experimentar desesperadamente a vida que é negada, como continuidade da impotência que a impede, e já se manifestava na morte em vida.

Dessa forma, todo o sofrimento de Hannah que não pôde ser comunicado em vida, ficou registrado para aqueles que permaneceram vivos por meio de gravações, prolongando contraditoriamente sua existência para além da morte. A personagem registrou para uma posteridade incerta o que necessitava ser comunicado de imediato, sendo indicativo da impossibilidade de ser escutada por seus pares durante a sua vida (MORETTO *et al*, 2017). Em verdade, o objetivo da personagem central não era apenas registrar os motivos de sua morte, como também o faz, mas sim a construção de um sentimento de culpa para cada um

daqueles que, ao seu ponto de vista, concorreram para o resultado suicida.

A busca pela verdade coloca Clay em um lugar de grande frustração, visto que cada participante descreve uma verdade sutilmente singular, comprehensível quando ouvida. Não há um único discurso que resuma as causas que levaram à morte de Hannah. Esse conhecimento não traz paz ao garoto, mas, sim, novas reflexões. Com maior conhecimento das verdades singulares, com respeito aos limites de quem ele encontra, Clay consegue, finalmente, dar nome àquilo que vai lhe trazer paz: a busca pela denúncia e interrupção da violência no ambiente escolar e comunitário. O conhecimento adquirido com a escuta e o diálogo transforma a personagem, o que não quer dizer que ele não sofra mais, mas confere sentido, oportuniza uma ação potencializadora em sua comunidade, inclusive em seu âmbito familiar (LENZI; FERRARI, 2017).

A obra bibliográfica inspirou, ainda, a criação uma série homônima na televisão americana, cuja estreia se deu em 31 de março de 2017, sendo o texto inicial adaptado por Brian Yorkey para a o serviço de *streaming* Netflix. A primeira temporada da série, composta por treze episódios, teve como atores Dylan Minnette, no papel de Clay Jensen e Katherine Langford, interpretando Hannah Baker (13 REASONS WHY, 2017). A segunda temporada da série tem previsão de estreia para o mês de maio de 2018, agora de modo desvinculado da obra literária e sem a participação direta do autor original.

A adaptação da obra bibliográfica para a televisão despertou consideráveis discussões nos países em que foi exibida, emergindo-se dúvidas, inclusive, quanto à viabilidade em se

dar voz às práticas de violência explícita entre adolescentes, especialmente naquilo que se referia ao suicídio da personagem central. Nesse sentido, construiu-se o recorte de análise para o presente estudo, o qual pauta-se nos possíveis efeitos da obra quanto à emergência de um necessário debate social sobre práticas suicidas e comportamento humano na adolescência.

3. Conceitos necessários e a conjuntura do suicídio no Brasil: uma construção descritiva

3.1 Reflexões teóricas sobre o suicídio

Pode-se conceber o suicídio como um ato deliberado, intencional, de causar a morte a si mesmo, ou, em outras palavras, um ato iniciado e executado deliberadamente por uma pessoa que tem a clara noção (ou forte expectativa) de que dele pode resultar a morte, e cujo desfecho fatal é esperado (BERTOLOTE, 2012).

Chama-se de suicídio, assim, toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima, e que ela sabia que produziria esse resultado. A tentativa, por sua vez, também é o ato assim definido, mas interrompido antes de resultar em morte (DURKHEIM, 2014).

Dessa forma, conceitua-se o suicídio como o mecanismo por meio do qual a vítima pratica atos com a finalidade exclusiva de acabar com a própria existência, obtendo-se êxito e alcançando sua morte ou sendo interrompida por atos alheios à sua própria vontade, não se consumando a morte (tentativa).

Sob o ponto de vista fenomenológico, o suicídio materializa-se como um processo que se inicia com considerações mais ou menos vagas

sobre o morrer (ideação suicida), as quais podem adquirir consistência, evoluir para elaboração de um plano (plano suicida) e culminar num ato suicida, cujo desfecho pode ser fatal (suicídio) ou não (tentativa de suicídio) (BERTOLOTE, 2012).

Embora se atribua à Émile Durkheim a quebra do paradigma médico para se compreender o suicídio, trazendo-se o elemento social que até então se mostrava ausente, foi Karl Marx, em obra pouco analisada e difundida, que abordou as primeiras ideações de que a prática suicida poderia estar relacionada, também, a elementos sociais alheios a doenças de ordem mental.

Em ensaio intitulado “Sobre o suicídio”, Marx descreve, ainda no ano de 1846, o fenômeno da morte autoprovocada como algo que não estaria vinculado de forma definitiva às doenças de ordem mental. Karl Marx (2006, p. 24), ao analisar quatro casos de suicídio da época, explica que o fenômeno poderia ter diversas causas, dentre as quais destaca:

O número anual dos suicídios, aquele que entre nós é tido como uma média normal e periódica, deve ser considerado um sintoma da organização deficiente de nossa sociedade; pois, na época da paralisação e das crises da indústria, em temporadas de encarecimento dos meios de vida e de invernos rigorosos, esse sintoma é sempre mais evidente e assume um caráter epidêmico. A prostituição e o latrocínio aumentam, então, na mesma proporção. Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramo-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade de suas causas parece

escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas.

As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócuia e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrarse de uma existência detestável.

Veja-se que, tal como descrito na obra objeto de análise, o autor indica causas sociais que poderiam remeter à prática suicida, deixando de lado o elemento médico até então dominante nas discussões que permeavam os estudos acerca do suicídio. Embora traga a miséria humana como a principal causa para o suicídio, o autor apresenta que as influências de uma sociabilidade poderão se fazer presentes em todas as classes. É bem verdade que em tal obra, Marx tenha se dedicado menos aos aspectos essenciais do próprio suicídio, voltando seus escritos à promoção de uma crítica radical da sociedade burguesa como forma de vida “antinatural”, sendo que o suicídio aparece como sintoma de uma sociedade doente e que necessita de uma transformação radical.

Sobre a influência daquela sociedade na prática do suicídio, bem como da criação de uma visão pejorativa em face desse fenômeno, Marx (2006, p. 26) é enfático:

Tudo o que se disse contra o suicídio gira em torno do mesmo círculo de ideias. A ele são contrapostos os desígnios da

Providência, mas a própria existência do suicídio é um notório protesto contra esses desígnios ininteligíveis. Falam-nos de nossos deveres para com a sociedade, sem que, no entanto, nossos direitos em relação a essa sociedade sejam esclarecidos e efetivados, e termina-se por exaltar a façanha mil vezes maior de dominar a dor ao invés de sucumbir a ela, uma façanha tão lúgubre quanto a perspectiva que ela inaugura. Em poucas palavras, faz-se do suicídio um ato de covardia, um crime contra as leis, a sociedade e a honra. Como se explica que, apesar de tantos anátemas, o homem se mate? É que o sangue não corre do mesmo modo nas veias de gente desesperada e nas veias dos seres frios, que se dão o lazer de proferir todo esse palavrório estéril.

Como já adiantado, o autor apresenta uma verdadeira crítica social a partir do número de suicídios da época, fazendo com que a problemática se desloque para as relações sociais, especialmente entre Estado e cidadãos, de forma que a imposição de deveres sem a prévia garantia de direitos seriam uma das chaves para se compreender a morte autoprovocada. Assim, encerra afirmando que a prática suicida não pode ser legal ou moralmente condenada pela sociedade, na medida em que o desespero humano da época poderia ensejar o suicídio em toda uma população explorada e sem condições efetivas de vida.

Após o enfrentamento do suicídio enquanto uma doença durante os séculos XVII e XVIII efetiva-se no século XIX, por meio da obra de David Émile Durkheim (1858-1917), uma nova via para a sua compreensão, conforme já inaugurado na obra de Karl Marx. A obra “O suicídio – estudo de sociologia” foi originalmente publicada

no ano de 1897, e trazia a prática suicida como fenômeno cujas origens encontravam-se fundamentadas na própria sociedade. Na obra, Durkheim propõe um rompimento com relação ao entendimento de ser o elemento psicológico o princípio primordial desencadeador e gerador do suicídio, demonstrando ser possível estudá-lo de maneira mais ampla a partir da compreensão da sociedade e de toda sua estruturação.

Ao se analisar o suicídio a partir de seu elemento social, Émile Durkheim (2014, p. 295) empresta nova interpretação ao fenômeno, acabando por verdadeiramente criar um viés sociológico para explicação de fenômenos humanos até então analisados exclusivamente a partir da medicina:

Ora os homens que se matam passaram por problemas familiares ou tiveram seu orgulho ferido, ora sofreram com a miséria ou com a doença, ora ainda se recriminam por alguma falta moral etc. Mas vimos que tais particularidades individuais não podem explicar a taxa social de suicídios, pois ela varia em proporções consideráveis, ao passo que as diversas combinações de circunstâncias, que servem assim de antecedentes imediatos aos suicídios particulares, conservam mais ou menos a mesma frequência relativa. Portanto, elas não são as causas determinantes dos atos a que precedem. O papel importante que às vezes desempenham na deliberação não é uma prova de sua eficácia. Sabemos, com efeito, que as deliberações humanas, tais como as percebe a consciência refletida, com frequência não passam de pura forma e têm como objetivo apenas corroborar uma resolução já tomada por razões que a consciência desconhece.

O autor defende, a partir do exposto, que as taxas elevadas de suicídio não podem ser atribuídas a particularidades humanas presentes em determinados indivíduos que, em verdade, se encontrariam inseridos em uma mesma comunidade, ou seja, seriam os elementos comuns presentes nas vivências comunitárias que ensejariam as elevadas taxas de suicídio nas mais variadas regiões, considerando-se não as características eminentemente pessoais, mas sim de toda uma coletividade capaz de influenciar na prática da morte autoprovocada.

A concepção de Durkheim quanto ao suicídio é pressuposto elementar para construção do trágico roteiro da obra “*13 reasons why*”, uma vez que a própria personagem descreve seu suicídio enquanto resultado de uma série de práticas capazes de inviabilizar a existência humana pautada por uma situação de dor coletivamente construída em seu micro espaço de convivência social. Esse “efeito bola de neve” presente na obra temática do sociólogo francês é explicitamente descrita por Jay Asher (2009, p. 30) a partir da fala da personagem Hannah Baker:

Eu sei. Sei o que você está pensando. Enquanto eu contava a história, estava pensando a mesma coisa. Um beijo? Um boato baseado num beijo é responsável por você fazer isso consigo mesma? Não. Um boato baseado num beijo arruinou uma lembrança que eu esperava que fosse especial. Um boato baseado num beijo criou uma reputação. As outras pessoas acreditaram nela e reagiram de acordo com ela. E, às vezes, um boato baseado num beijo tem um efeito bola de neve. Um boato baseado num beijo é só o começo. Vire a fita para ouvir mais.

Dessa forma, ao se trazer o resultado suicídio como uma construção social, tanto Durkheim quanto a obra objeto de análise despontam com o argumento de que a prática suicida seja passível de prevenção, considerando-se o seu notório elemento externo ao indivíduo e interno ao seu *corpus* social. Ao afirmar que é a constituição moral da sociedade que determina os índices de suicídios, Durkheim acaba por neutralizar as condições individuais na prática da morte voluntária, relegando à sociedade a responsabilidade pela inviabilidade da vida humana para determinadas pessoas que se encontrassem em descompasso com a dinâmica social, tal como ocorre com a personagem Hannah Baker.

3.2 A conjuntura do suicídio no Brasil: aspectos quantitativos

Com a finalidade de situar o debate proposto no presente estudo, mostra-se necessário uma breve apresentação quantitativa da conjuntura do suicídio no Brasil, elucidando-se a dimensão de tal problemática para a saúde pública e para o estudo das ciências sociais e jurídicas. Tal pesquisa foi desenvolvida a partir do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM)¹, presente no DATASUS, Departamento de Informática do SUS, segundo a Classificação Internacional de Doenças, 10^a revisão (CID-10), com as categorias compreendidas entre a X-60 e a X-84, ou seja, óbitos causados com intencionalidade pelo próprio indivíduo, os quais se passaram a considerar-se como suicídio. Como lapso temporal, selecionaram-se os últimos dez anos

disponíveis no Sistema de Informações sobre Mortalidade, agregando-se os dados presentes entre os anos de 2006 e 2015.

Com a finalidade de se construir dados que considerassem as dinâmicas populacionais e suas características formadoras, foram utilizados, ainda, dados da projeção da população por sexo e grupos de idade², construídos e disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE:

¹ O Sistema de Informação Sobre Mortalidade - SIM desenvolvido pelo Ministério da Saúde a partir de 1975 é produto da unificação de mais de quarenta modelos de instrumentos utilizados para coletar dados sobre mortalidade no país. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

² As projeções populacionais por sexo e idade incorporam os parâmetros demográficos calculados a partir do Censo Demográfico do ano de 2010 e as informações mais recentes dos registros de nascimentos e óbitos no país. (IBGE, 2017).

Tabela 1 – Número de suicídios no Brasil entre os anos de 2006 e 2015, em razão do sexo da vítima.

| Ano | Número de ocorrências | Homens | Mulheres | Ignorado |
|-------------------------|-----------------------|---------------|---------------|-----------|
| 2006 | 8.639 | 6.834 | 1.805 | - |
| 2007 | 8.868 | 6.995 | 1.872 | 01 |
| 2008 | 9.328 | 7.375 | 1.953 | - |
| 2009 | 9.374 | 7.500 | 1.872 | 02 |
| 2010 | 9.448 | 7.375 | 2.073 | - |
| 2011 | 9.852 | 7.762 | 2.089 | 01 |
| 2012 | 10.321 | 8.061 | 2.257 | 03 |
| 2013 | 10.533 | 8.309 | 2.223 | 01 |
| 2014 | 10.653 | 8.419 | 2.233 | 01 |
| 2015 | 11.178 | 8.780 | 2.396 | 02 |
| Total no período | 98.194 | 77.410 | 20.773 | 11 |

Fonte: Sistema de Informação Sobre Mortalidade – SIM.
Departamento de Informática do SUS – DATASUS.

Entre os anos de 2006 e 2015 o Brasil apresentou um contundente número de suicídios, aproximando-se ao número de cem mil casos, conforme denunciam os dados coletados junto ao Sistema Único de Saúde – SUS. Estima-se que nesse lapso temporal de dez anos 98.194 pessoas tiraram a própria vida no país, sendo que desse total, 77.410 correspondem ao sexo masculino e 20.773 referem-se ao sexo feminino, havendo 11 casos de sexo ignorado na construção dos dados primários coletados.

Para que fosse possível a construção de dados consolidados para cada uma das categorias indicadas, promoveu-se a mensuração da população brasileira em razão do sexo no período analisado, o que foi possível de ser realizado por meio de pesquisa junto à base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o qual elabora de modo atualizado as projeções populacionais em razão do sexo e grupos de idade.

A partir dos dados censitários coletados, confrontaram-se os números de suicídios praticados no país em razão do sexo das vítimas e da dinâmica populacional no mesmo período, possibilitando-se a criação de percentuais referentes a mortes causadas intencionalmente pela própria vítima em razão de um grupo populacional de 100.000 pessoas³, conforme dados indicados na tabela 3:

Tabela 2 – Índice de suicídio no Brasil para cada 100 mil habitantes, entre os anos de 2006 e 2015, em razão do sexo.

| Ano | Índice geral do país | Índice entre homens | Índice entre mulheres |
|-------------|----------------------|---------------------|-----------------------|
| 2006 | 4,61 | 7,36 | 1,90 |
| 2007 | 4,68 | 7,45 | 1,95 |
| 2008 | 4,87 | 7,77 | 2,01 |
| 2009 | 4,84 | 7,83 | 1,91 |

³ Os coeficientes de incidência e de mortalidade constituem, no âmbito dos serviços de saúde, as ferramentas mais importantes para a avaliação do estado de saúde da população com propósitos de monitoramento e vigilância epidemiológica. Para alguns desses indicadores, encontra-se consolidado o cálculo da ocorrência para cada 100.000 habitantes (coeficiente utilizado para casos de mortalidade por causa específica ou faixas etárias) (MERCHAN-HAMANN; TAUIL; COSTA, 2000, p. 278).

| | | | |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|
| 2010 | 4,83 | 7,62 | 2,09 |
| 2011 | 4,99 | 7,95 | 2,09 |
| 2012 | 5,18 | 8,18 | 2,24 |
| 2013 | 5,23 | 8,36 | 2,18 |
| 2014 | 5,25 | 8,40 | 2,17 |
| 2015 | 5,46 | 8,69 | 2,31 |
| Média do período | 4,99 | 7,96 | 2,08 |

Fonte: Autor.

De acordo com a distribuição de mortes em razão do sexo, é possível constatar uma prevalência acentuada de mortes provocadas intencionalmente entre o grupo do sexo masculino (7,96/100.000), quando confrontado com os dados relativos ao grupo do sexo feminino (2,08/100.00). O grupo de homens também se mostra mais vulnerável às práticas suicidas quando os dados do grupo são confrontados com os números absolutos do Brasil (4,99/100.000).

Ainda sobre o aspecto apresentado, é importante se considerar que ambos os sexos, seguindo o cenário nacional, apresentam uma tendência de crescimento na prática do suicídio, em especial a partir do ano de 2012, quando a média no Brasil supera de modo consolidado o índice de 5/100.000 e o índice do sexo masculino supera 8/100.000, mantendo-se de maneira levemente crescente o índice do grupo feminino, o qual acaba por se consolidar em uma proporção de 2/100.000.

Sobre o universo presente na obra discutida, a pesquisa permitiu aferir que o suicídio é a quarta maior causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos no Brasil, sendo que, em 2015, 65,6% dos óbitos nessa faixa etária foram por causas externas: violências e acidentes. Em números absolutos, foram 2.936 suicídios de jovens de 15 a 29 anos em 2015, um dado que costuma desaparecer diante da estatística dos homicídios na

mesma faixa etária, cerca de 30 mil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Diante da breve descrição quantitativa apresentada, é possível concluir que a discussão sobre o suicídio no Brasil, especialmente dentre os jovens, mostra-se necessária e atual, considerando-se os índices inicialmente alarmantes. Dessa forma, passa-se a analisar como a obra *“13 reasons why”*, de Jay Asher, especialmente a partir de sua adaptação televisiva, que acabou por ganhar ainda mais notoriedade que a obra bibliográfica, influenciou, em âmbito brasileiro, os processos sociais de discussões sobre o suicídio e a eventual ruptura de um paradigma do silêncio.

4. O paradigma da “não discussão” e a emergência da série *“13 reasons why”*: sobre o que podemos falar?

A construção da narrativa, pautada no silêncio de Hannah Baker sobre a dor de sua existência prolonga-se em ambiente escolar após o suicídio da aluna, demonstrando-se, na obra ficcional, a existência de enorme dificuldade em se discutir a morte violenta e premeditada em âmbito social. Nesse sentido apresentam Moretto *et al* (2017, p. 160):

Na série, a morte é, para Hannah, a solução que dá fim a uma vida já desgastada pela impossibilidade da experiência, emudecida pela carência de uma comunidade de ouvintes, na qual a esperança ruiu; temos, então, a morte apresentada como fim da vida, como ruptura

provisória a um sofrimento que a transcende e somente pôde ser comunicado mediante seu sacrifício; suas dores ecoam na dor de quem for capaz de ouvi-la.

O paradigma do silêncio presente na obra transpõe-se para a realidade, impedindo-se, em regra, uma aproximação e um diálogo da sociedade com problemáticas emergentes e complexas, como a questão do suicídio. Nesse sentido, discute-se o impacto social da obra – em especial a sua adaptação para a televisão – e sua materialização enquanto instrumento de construção de um diálogo social acerca do suicídio e o seu processo preventivo. Sob esse viés, passa-se a considerar a existência de um paradigma do silêncio que tende a se perpetuar, onde a morte passa a ser concebida como um assunto a ser evitado e combatido, especialmente se considerada em seus aspectos mais violentos, como ocorre na prática suicida.

Desta feita, emerge como possível causa – não exclusiva, frise-se – dessa ausência de diálogo a preocupação de que a sua exposição possa induzir novas mortes ao apresentar o suicídio – tido até então como tabu social, religioso e moral – como saída trágica, porém possível, para superação da dor de uma vida já desgastada.

Parte da literatura médica remete a necessidade de um paradigma do silêncio ao chamado *efeito Werther*, onde a temática do suicídio é interpretada como algo contagioso em nível social. Esse efeito foi inicialmente descrito a partir de uma epidemia de suicídios entre jovens, atribuída à identificação de adolescentes da época com o protagonista da obra intitulada “*Os sofrimentos do jovem Werther*”, escrita por Johann Wolfgang von Goethe em 1774, na qual o jovem

Werther se suicida em resposta a um impedimento amoroso que vivia (GOETHE, 2010).

Assim, a angústia social experimentada diante da obra de Goethe é reproduzida com o advento do trabalho atual de Asher, onde se defende um silenciamento com vias de se evitar um contato de jovens com dores e angustias fictícias que possam ser reproduzidas em um cenário real, levando a práticas suicidas inspiradas nas obras ficcionais.

Com isso, tem-se a necessidade de apresentação de um amplo debate sobre o tema no Brasil, de forma que os dados sobre a prática suicida possam ser de conhecimento de todos aqueles que diariamente pode deparar-se com vítimas em potencial, visando-se a plena conscientização sobre a viabilidade de medidas preventivas. Crear em um paradigma do silêncio como instrumento de superação de uma epidemia pós-moderna de suicídios implicaria em descartar de forma sumária iniciativas de prevenção que tendem a minimização da problemática.

O estigma, ainda presente na discussão sobre o suicídio, faz com que muitas vítimas em potencial não procurem ajuda e, por isso, não recebam o auxílio que necessitam. Diante dos números crescentes, resta evidente que a prevenção não tem sido tratada de forma adequada devido à falta de consciência do suicídio enquanto um grave problema de saúde pública, o qual pode e deve ser passível de prevenção.

Nesse cenário, como forma de superação do indicado processo histórico de estigmatização e silenciamento sobre o suicídio, e com o objetivo de prestar apoio emocional a qualquer pessoa de que necessite, surge o trabalho voluntário desenvolvido pelo CVV – Centro de Valorização da Vida.

Tal entidade, fundada no Brasil em 1962, constitui-se em uma sociedade civil sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, tendo sido reconhecida por lei como de Utilidade Pública Federal.

Segundo dados do CVV, depois da estreia no Brasil da série *13 Reasons Why*, houve um aumento de 445% no número de e-mails com pedidos de ajuda, além de uma alta de 170% na média diária de visitantes no site da instituição (a média que era de 2,5 mil visitantes por dia saltou para 6.770 em abril de 2017, sendo que a série foi lançada em 31 de março). Segundo informações da entidade, a maioria das pessoas que buscaram atendimento nos canais do CVV nos dias que se seguiram ao lançamento televisivo é composta de jovens que se identificam com a dor da personagem principal, mencionando a série durante os atendimentos prestados (DIÓGENES; TOLEDO, 2017).

De modo complementar, pesquisa encomendada pelo serviço de *streaming* Netflix intitulada “Explorando Como Adolescentes e Pais Reagiram a *13 Reasons Why*”, aprovada pelo Comitê Institucional de Revisão da Universidade Northwestern⁴, analisou pais, adolescentes e jovens adultos entre 13 e 22 anos nos Estados Unidos, Reino Unido, Brasil, Austrália e Nova Zelândia (em um total de 5.000 pessoas entrevistadas) para determinar como o público percebeu, se relacionou e foi influenciado pela referida série (PESQUISA INTERNACIONAL, 2018).

No Brasil, a pesquisa revelou que 74% dos espectadores adolescentes e jovens adultos relataram que pessoas de sua

faixa etária lidam com questões similares às apresentadas na série; 76% disseram que assistir à série foi benéfico para pessoas de sua idade; mais de três quartos dos espectadores adolescentes relataram que a série os alertou para a possibilidade de que alguém próximo possa estar sofrendo de depressão; 90% dos espectadores adolescentes e jovens adultos relataram que a série os ajudou a entender que suas ações podem ter impacto na vida dos outros (PESQUISA INTERNACIONAL, 2018).

Além disso, mais da metade dos espectadores adolescentes (60%) pediu desculpas a alguém a quem havia maltratado; mais de dois terços se sentiu motivada para ajudar alguém que estava deprimido, era vítima de *bullying* e violência sexual; adolescentes mais jovens e adolescentes com níveis mais altos de ansiedade social relataram que se sentiram mais à vontade para discutir esses temas difíceis com seus pais, colegas e outros adultos de confiança após assistir a *13 Reasons Why* (PESQUISA INTERNACIONAL, 2018).

Com isso, é possível verificar a existência de um considerável impacto da obra televisiva na dinâmica relacional entre jovens e entre os adolescentes com seus familiares, de maneira que o problema passou a ser incluído como possível pauta de discussões em nível familiar e social, rompendo-se um silenciamento tido como paradigma até então vigente. Além disso, constata-se a emergência de um sentimento de solidariedade e de empatia para com aqueles que se encontra em situações similares às da personagem principal, sendo vítimas de *bullying*, violência sexual ou depressão.

Não é possível concluir, em contrapartida, a inexistência de riscos que a audiência inadvertida e

⁴ O Centro de Mídia e Desenvolvimento Humano da Universidade Northwestern estuda o papel da mídia e tecnologia no desenvolvimento infantil.

desacompanhada da série pode proporcionar as crianças e adolescentes que acompanharam o desenrolar da trama fictícia, em especial aqueles em situação de vulnerabilidade emocional. No entanto, tal condição deve implicar em maior acompanhamento por parte do núcleo familiar em todos os aspectos sociais da criança e do adolescente, de maneira que sejam eliminados quaisquer agravos inerentes à saúde emocional e a integridade física dos mesmos.

Dessa forma, analisando-se de maneira conjuntural, observa-se que a obra proporcionou, ao menos no Brasil, o rompimento de uma proibição moral para a discussão do suicídio, tanto em seu aspecto geral quanto considerado em faixas etárias que compreendam crianças e jovens. O roteiro com cenas fortes e a liberdade poética da obra acabaram por fazer emergir uma discussão até então inexistente sobre as causas que corroboram – ainda que não isoladamente – para a prática suicida, bem como da importância de seu aspecto preventivo por meio de um diálogo aberto em nível social.

Conclusão

A discussão proposta a partir da obra “*13 reasons why*”, cuja tradução para o Brasil ganhou o título de “Os 13 porquês”, buscou apresentar, de forma descriptiva, o cenário quantitativo da prática do suicídio no país, justificando-se o delineamento do problema, bem como dissertar acerca dos eventuais entraves socialmente construídos com vistas ao silenciamento sobre esse tema que vem ganhando destaque nos últimos anos.

Partindo-se da concepção de Durkheim que o suicídio encontra suas causas nas dinâmicas sociais, não seria adequado que a discussão de seu aspecto

preventivo fosse desconectada justamente de construções familiares, escolares e interpessoais. Assim, havia a necessidade de um rompimento do paradigma do silêncio que fora historicamente construído especialmente em países ocidentais, onde a morte passa a ser conceitualmente rejeitada e sua discussão socialmente evitada. Tal realidade se torna ainda mais densa quando o assunto é suicídio.

Diante dos dados apontados, ainda que de maneira inicial, é possível conceber que a obra televisiva logrou êxito – ainda que inicialmente não o pretendesse – ao reavivar no Brasil a problemática do suicídio a partir de um amplo debate social. É preciso destacar que tal construção ficcional foi além: deu voz aos debates que permeiam à realidade de crianças e adolescentes, como *bullying*, violência sexual e depressão. Assim, ao abordar o suicídio como elemento central da obra, o autor trabalha a partir de suas concausas, as quais se mostram igualmente relevantes enquanto tabus a serem superados e práticas a serem reconstruídas.

Assim, conclui-se que, em que pese haja grande receio quanto aos impactos negativos que obras de grande repercussão venham a causar em âmbito social, restou demonstrado que as mesmas podem ser consideradas – tal como *13 reasons why* – como importante instrumento de abertura conceitual e ampliação de espaços de discussão, visando o rompimento de paradigmas prejudiciais ao pleno desenvolvimento humano, além da maximização de sua qualidade de vida enquanto garantia fundamental.

Referências

- ASHER, Jay. **Os 13 porquês**. Tradução de José Augusto Lemos. São Paulo: Ática, 2009.
- BERTOLOTE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: UNESP, 2012.
- DIÓGENES, Juliana; TOLEDO, Luiz Fernando. Busca por centro de prevenção ao suicídio cresce 445% após série. **Estadão**, São Paulo, 11 abr. 2017.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. 1 ed. São Paulo: Edipro, 2014.
- FRANÇA, Maria Dulce de; BOTOME, Silvio Paulo. É possível uma educação para morte? (Resenha). **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 547-548, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000300024>.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. 1 ed. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- PESQUISA INTERNACIONAL: Como pais e adolescentes reagiram à série da Netflix *13 Reasons Why*. Disponível em: <<https://13reasonsresearch.soc.northwestern.edu/13-reasons-why-brazil-release.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- LENZI, Bruno; FERRARI, Carla Fernanda Bastos. Conversando com famílias, adolescentes e suicídio. **Nova perspect. sist.**, São Paulo, v. 26, n. 58, p. 125-130, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2018.
- MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MERCHAN-HAMANN, Edgar; TAUIL, Pedro Luiz; COSTA, Marisa Pacini. Terminologia das medidas e indicadores em epidemiologia: subsídios para uma possível padronização da nomenclatura. **Inf. Epidemiol. Sus**, Brasília, v. 9, n. 4, p. 276-284, dez. 2000. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1673200000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 mar. 2018.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **DATASUS – Departamento de Informática do SUS**. Brasília, 2017.
- MORETTO, Maria Lívia Tourinho *et al.* O suicídio e a morte do narrador. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 159-164, ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000200159&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420172802>.
- 13 REASONS WHY. Criador: Brian Yorkey. Direção: Kyle Patrick Alvarez. Califórnia: July Moon Productions; Kicked to the Curb Productions; Anonymous Content; Paramount Television [produção]. Netflix, 2017. Série (13 episódios).

Recebido em 2018-05-01

Publicado em 2018-08-07